

Anarquia, sua filosofia, seu ideal.

Piort Kropotkin.

Revisão do recursos.

Tradução da Primeira edição, 1896.

Houve um tempo, você sabe, onde o homem imaginou a Terra colocada no centro do Universo. O Sol, a Lua, os planetas e as estrelas pareciam rolar do nosso globo e, para o homem, este globo, habitado por ele, representou o centro da criação. Ele mesmo - para ser superior em seu planeta - foi o escolhido do criador. O Sol, a Lua, as estrelas foram feitas apenas para ele; em direção a ele foi usado todos a atenção de um Deus, que observou o mínimo de seus atos, parou para ele o sol em sua marcha, navegou nas nuvens, jogando suas chuvas ou raios em campos e cidades, para recompensar virtudes ou para punir crimes dos habitantes. Por milhares de anos, o homem concebeu assim o universo.

Você sabe, no entanto, que mutação imensa ocorreu no século XVI em todas as concepções do homem, quando lhe foi mostrado que longe de ser o centro do Universo, a terra era apenas um grão de areia no sistema solar; - nada além de uma bola muito menor do que outros planetas; que o sol, ele mesmo, essa enorme estrela em comparação com nossa pequena terra, foi apenas uma estrela entre tantas outras estrelas sem número que vemos brilhando no céu, enxame da via láctea. Quão pequeno era o homem antes dessa imensidão sem limites, quão ridículas eram suas pretensões! Toda filosofia na época, todas as concepções sociais e religiosas essa transformação em idéias cosmogônicas. É somente a partir desta época que as ciências naturais datam, cujo desenvolvimento atual nos faz tão orgulhosos.

Mas uma mudança, ainda mais profunda e muito maior, está acontecendo em todas as ciências, e a Anarquia, você vai ver isso, é apenas uma das muitas manifestações desta evolução. É apenas um dos ramos da nova filosofia que está por vir. - Pegue qualquer livro de astronomia do final do século passado ou de início do nosso. Você não vai encontrar, é claro, nosso pequeno planeta no centro do universo. Mas você encontrará a cada passo a idéia de uma grande estrela central - o Sol - que por sua poderosa atração governa nosso mundo planetário. A partir desta estrela central irradia uma força que guia a marcha de satélites e mantém a harmonia do sistema. De uma aglomeração central os planetas são, por assim dizer, apenas brotos. Nesta aglomeração eles devem seu nascimento; para a estrela radiante que ainda o representa, eles deve fazer tudo: o ritmo de seus movimentos, suas órbitas cuidadosamente espaçadas, a vida que os anima e adorna sua superfície. E quando quaisquer distúrbios perturbar o seu progresso e torná-los desviados de suas órbitas, a estrela central estabelece a ordem no

sistema, assegura-se e perpetua sua existência.

Este design também desaparece quando o outro foi. Depois de vestir toda a atenção no Sol e nos grandes planetas, o astrônomo vai estudar o infinitamente pequeno que povoa o universo. E ele descobre que os espaços interplanetários e interestelares são povoados e enrugados em todas as direções; pequenos enxames de matéria, invisíveis, pequenas quando tomadas separadamente, mas todo poderoso em número. Entre essas massas, alguns, como o carro que outro dia semearam o terror na Espanha, ainda são bastante grandes; outros pesam apenas algumas gramas ou miligramas, enquanto que ao seu redor ainda voam pó, quase microscópico, preenchendo os espaços.

E é para essas poeiras, para esses infinitamente pequenos que exploram a extensão em todos os sentidos com velocidades vertiginosas, que chocam, aglomeram e desintegram, em todos os lugares e sempre, é para eles, eu digo, que o astrônomo hoje para explicar a origem do nosso sistema, o Sol, planetas e satélites e movimentos que animam suas diferentes partes e a harmonia do seu todo. Mais um passo, e logo a atração universal em si só irá ser mais do que um resultado de todos os movimentos, desordenados e incoerentes, destas infinitamente pequenas - oscilações de átomos que ocorrem em todas possíveis direções.

Assim, o centro, a origem da força, uma vez transportado da Terra para o Sol, se encontra disperso agora, espalhados: ele está em todos os lugares e em nenhum lado. Como astrônomo podemos ver que os sistemas solares são apenas o trabalho dos infinitamente pequeno, que a força que acreditamos governar o sistema é, talvez, os choques resultantes destes infinitamente pequenos: que a harmonia dos sistemas estelares é harmonia apenas porque é uma adaptação, resultante de todos estes inúmeros movimentos, adicionando, complementando, equilibrando-se mutuamente.

Todo o aspecto do universo muda com essa nova concepção. A idéia de força governando o mundo, lei pré-estabelecida, harmonia preconcebida, desaparece, para fazer lugar a essa harmonia que Charles Fourier imaginara uma vez e que é apenas o resultado de inúmeros enxames de matéria, cada um caminhando em frente, e segurando-se mutuamente em equilíbrio.

Se fosse apenas astronomia que sofre essa mudança! Mas não: A mesma mudança ocorre na filosofia de todas as ciências sem exceção; aqueles que lidam com a natureza, como aqueles que lidam com seres humanos.

Nas ciências físicas, entidades: calor, magnetismo, eletricidade, desaparecem. Quando um físico hoje fala de um corpo aquecido ou eletricamente aquecido. Ele já não vê uma massa inanimada, à qual seria adicionada uma força desconhecida. Ele se esforça para reconhecer neste corpo, e no espaço que o rodeia, a marcha, as vibrações dos átomos infinitamente pequenos que se movem em todas as direções, vibram, se movem, se chocam, sua vida, produzem fenômenos de calor, luz, magnetismo e eletricidade.

Nas ciências que lidam com a vida orgânica, a noção das espécies e suas

variações desaparece e a noção do indivíduo a substitui. O botânico e o zoologista estudam o indivíduo - sua vida, sua adaptação ao meio ambiente. As mudanças que ocorrem nele, sob a ação da seca ou umidade, calor ou frio, a abundância ou a pobreza dos alimentos, é mais ou menos sensível às ações do meio ambiente fora, nascerá a espécie; e variações das espécies são mais para o biólogo do que os resultados - somas de variações, que ocorreram em cada indivíduo separadamente. As espécies será o que os indivíduos serão, cada um experimentando as mesmas influências dos ambientes em que vivem, e aos quais cada um responde à sua maneira.

E quando o fisiologista fala sobre a vida de uma planta ou um animal, ele vê ali mais uma aglomeração, uma colônia de milhões de indivíduos separados, do que uma personalidade unida e indivisível. Ele fala sobre uma federação de órgãos digestivos sensual, nervoso, etc., todos muito intimamente conectados uns com os outros, todos sofrendo o contra-golpe do bem-estar ou o desconforto de cada um, mas vivendo cada um de sua própria vida. - Cada órgão, cada porção de órgão, por sua vez, é composta células independentes que unem forças para combater as condições desfavoráveis para a sua existência. O indivíduo é um mundo inteiro de federações, ele é tudo um "cosmos" sozinho! E neste mundo, o fisiologista vê as células autônomas de sangue, tecidos, centros nervosos; reconhece os bilhões de corpúsculos brancos - os fagócitos - que são transportados para os locais do corpo infectados por micróbios, para combater os invasores. Mais do que isso: em cada célula microscópica, ele descobre hoje um mundo de elementos autônomos, cada um de que vive por sua própria vida, procura-se o bem-estar e alcança-o através do agrupamento, associando-se com outros que ele. Em suma, cada indivíduo é um cosmos de órgãos, cada órgão é um cosmos de células, cada célula é um cosmos infinitamente pequeno; e neste mundo complexo, o bem-estar do todo depende inteiramente da quantidade de bem-estar de cada um, pequenas parcelas microscópicas de matéria organizada.

Toda uma revolução ocorre assim na filosofia da vida.

Mas é especialmente na psicologia que essa revolução leva às conseqüências de maior alcance.

Até recentemente, o psicólogo falava do homem como um ser inteiro, uno e indivisível. Permanecendo fiel à tradição religiosa, gostava de classificar os homens como bons e maus, inteligentes e estúpidos, egoístas e altruístas.

Mesmo entre os materialistas do século XVIII, a idéia de uma alma, uma entidade não indivisa, continuou a manter-se.

Mas o que se pensaria hoje de um psicólogo que ainda faria essa linguagem! O psicólogo hoje vê no homem uma multidão de faculdades separadas, tendências autônomas, iguais entre si, cada uma funcionando de forma independente, equilibrando-se, contradizendo-se continuamente. Tomada como um todo, o homem é para ele apenas uma resultante, sempre variável, de todas essas várias faculdades, de todas essas tendências autônomas das células cerebrais e dos centros nervosos. Todos estão interconectados ao ponto de reagir cada um em todos os outros, mas eles vivem por sua própria vida, sem estar subordinados a um órgão central - a alma.

Sem entrar em mais detalhes, você verá que uma mudança profunda está ocorrendo neste momento em todas as ciências naturais. Não que eles empurrasse sua análise para detalhes que teríamos primeiro negligenciado. Não! Os fatos não são novos, mas a maneira de concebê-los está evoluindo, e se tivéssemos que caracterizar essa tendência em poucas palavras, pode-se dizer que, se anteriormente a ciência se preocupa em estudar os ótimos resultados e as grandes somas (as integrais, como o matemático diria), hoje ela concentra-se em estudar o infinitamente pequeno, os indivíduos que compõem essas somas e das quais finalmente reconheceu a independência e a individualidade, ao mesmo tempo que sua agregação íntima.

Quanto à harmonia que a mente humana descobre na natureza e que, basicamente, é apenas a observação de uma certa estabilidade dos fenômenos, o cientista moderno, sem dúvida, a reconhece, hoje mais do que nunca. Mas ele não procura explicá-lo pela ação das leis concebidas de acordo com um determinado plano, pré-estabelecido por uma vontade inteligente.

O que foi chamado de "*lei natural*" não é mais do que uma conexão entre certos fenômenos, vislumbrados por nós, e toda "*lei*" natural assume um caráter condicional de causalidade, ou seja, se tal fenômeno ocorre em tais condições, outro fenômeno seguirá. Nenhuma lei colocada fora do fenômeno: cada fenômeno governa aquele que o sucede, não a lei.

Nada preconcebido no que chamamos de harmonia da natureza. Os choques e encontros foram suficientes para estabelecer. Esse fenômeno durará séculos, porque a adaptação, o equilíbrio que representa, levou séculos para estabelecer-se; enquanto outro vai durar apenas um momento, se essa forma de equilíbrio momentâneo nascer num instante. Se os planetas do nosso sistema solar não colidem e não se destroem todos os dias, se eles durarem milhões de séculos, é porque eles representam um equilíbrio que levou milhões de séculos para se estabelecer como milhões de forças cegas resultantes.

Se os continentes não são continuamente destruídos por choques vulcânicos, é porque eles levaram milhares e milhares de séculos para serem moléculas construídas para moléculas e tomar suas formas presentes. Mas o flash só durará um momento, porque representa uma ruptura momentânea no equilíbrio, uma súbita redistribuição de forças.

A harmonia aparece assim como o equilíbrio temporário estabelecido entre todas as forças, uma adaptação temporária, e esse equilíbrio durará apenas em uma condição a de se modificar continuamente; para representar a cada momento o resultado de todas as ações contrárias. Deixe apenas uma dessas forças ser dificultada por algum tempo em sua ação, e a harmonia desaparecerá. A força acumulará seu efeito, deve ser esclarecida, deve exercer sua ação, e se outras forças a impedem de se manifestar, não irá aniquilar por isso, mas acabará por romper o equilíbrio, ao quebrar a harmonia, para encontrar uma nova posição equilibrar e trabalhar em uma nova adaptação. Como a erupção de um vulcão cuja força encarcerada eventualmente quebra a lava que o impediu de vomitar gás, lava incandescentes e incenso. Tais revoluções. Uma transformação semelhante ocorre ao mesmo tempo nas ciências que lidam com o homem.

Além disso, vejamos que a história, depois de ter sido a história dos reinos, tende a se tornar a história dos povos, depois o estudo dos indivíduos. O historiador quer saber como os membros de uma nação em particular viviam naquela época, quais eram suas crenças, seus meios de subsistência, o ideal social em frente deles e o que significa que eles tinham que se mover para esse ideal. E pela ação de todas essas forças, anteriormente negligenciadas, interpretará os grandes fenômenos históricos.

Da mesma forma, o estudioso que estuda a jurisprudência não está mais contente em estudar um código específico. Como o etnólogo, ele quer conhecer a gênese de instituições sucessivas; segue sua evolução ao longo dos tempos e, neste estudo, aplica muito menos à lei escrita do que aos costumes locais, ao *"direito consuetudinário"*, no qual a genialidade construtiva das massas desconhecidas encontrou expressão em todos os tempos. Uma nova ciência está se desenvolvendo nessa direção, e promete abalar as concepções estabelecidas que aprendemos na escola, chegando a interpretar a História da mesma maneira que as ciências naturais interpretam os fenômenos da natureza. Finalmente, a economia política, que foi no início um estudo da riqueza das nações, agora está se tornando um estudo da riqueza dos indivíduos. É menos uma questão de saber se uma determinada nação está ou não envolvida no comércio exterior; Ela quer ter certeza de que o pão não falta no chalé do camponês e na do trabalhador. Ela bate em todas as portas? para o palácio quanto ao da favela, e pede tanto aos ricos quanto aos pobres: "Até que ponto suas necessidades e luxos estão satisfeitas? E como ela observa que as necessidades mais prementes de bem estar não são para nove décimos da humanidade, ela faz a pergunta que um fisiologista colocaria para uma planta ou um animal: *"Quais são os meios para satisfazer as necessidades de todos, com a menor perda de força? Como uma sociedade pode garantir a cada um e conseqüentemente a todos, a maior soma de satisfação e felicidade?"* É nessa direção que a ciência econômica se transforma; e tendo sido há muito tempo uma mera declaração de fenômenos interpretados no interesse das minorias ricas, tende a tornar-se (ou melhor, elaborar os elementos para se tornar) uma ciência no verdadeiro sentido da palavra? uma fisiologia das sociedades humanas.

Ao mesmo tempo que uma nova visão geral, uma nova filosofia, está sendo elaborada nas ciências, também estamos vendo o desenvolvimento de uma concepção da sociedade, bastante diferente daquelas que prevalecem até hoje. Sob o nome da Anarquia vem uma nova interpretação da vida passada e presente das sociedades, bem como uma previsão de seu futuro, ambos concebidos no mesmo espírito que a concepção da natureza e das quais acabei de falar.

O anarquismo, portanto, se apresenta como parte integrante da nova filosofia, e é por isso que o anarquista está em contato em tantos pontos com os maiores pensadores e poetas do tempo presente.

Na verdade, é certo que, à medida que o cérebro humano se liberta das idéias inculcadas nele pelas minorias dos sacerdotes, dos chefes militares, dos juizes que desejam afirmar sua dominação e os eruditos pagos para perpetuá-la, surge a concepção de sociedade, em que não há espaço para essas minorias dominantes. Esta empresa, tomando posse de todo o capital acumulado pelo trabalho das gerações anteriores, organiza-se para aproveitar este capital no interesse de todos e é constituída sem retomar

o poder das minorias. Contém dentro dela uma infinita variedade de capacidades, temperamentos e energias individuais: exclui ninguém. Ela até reúne a luta, o conflito, porque sabe que os períodos de conflito, debatidos livremente, sem o peso de uma autoridade incorporada a ser jogada de um lado da escala, foram as épocas do maior desenvolvimento do gênio humano. Reconhecendo que todos os seus membros têm, na verdade, direitos iguais a todos os tesouros acumulados pelo passado, já não conhece a divisão entre os explorados e os exploradores, entre governantes e governados, entre dominantes e dominados, e procura estabelecer uma certa contabilidade harmônica dentro dele, não subjugando todos os seus membros a uma autoridade que, por ficção, deveria representar a sociedade, não procurando estabelecer uniformidade, mas convocando todos os homens para o desenvolvimento livre, libertar a iniciativa de ação gratuita e associação livre.

Procura o desenvolvimento mais completo da individualidade, combinado com o maior desenvolvimento da associação voluntária em todos os aspectos, em todos os níveis possíveis, para todos os propósitos concebíveis: uma associação em constante mutação, transportando em si os elementos de sua duração, e assumindo as formas que, em cada momento, melhor atendem as múltiplas aspirações de todos. Uma sociedade, finalmente, a qual as formas pré-estabelecidas, cristalizadas pela lei, são repugnantes; mas que busca harmonia no equilíbrio, sempre em mudança e fugitiva, entre a multidão de variadas forças e influências de todos os tipos, que seguem seu curso e, precisamente por causa da liberdade de sair e contrabalançar, podem provocar as energias que lhes são favoráveis, quando marcham para o progresso.

Essa concepção e o ideal da sociedade certamente não são novos.

Pelo contrário, quando analisamos a história das instituições populares - o clã, a comuna, a aldeia, o sindicato, a "guilda" e até a comuna urbana na Idade Média, nos primeiros inícios, encontramos a mesma tendência popular na construção da sociedade nesta ideia - uma tendência ainda prejudicada pelas minorias dominantes. Todos os movimentos populares carregaram este carimbo mais ou menos, e entre os anabatistas e seus precursores encontramos as mesmas idéias claramente expressas, apesar da linguagem religiosa que então era usada. Infelizmente, até o final do século passado, esse ideal foi sempre manchado por um espírito teocrático, e é só hoje que livra-se dos hábitos religiosos, como uma noção de sociedade deduzida da observação dos fenômenos sociais.

É somente hoje que o ideal da sociedade em que cada um governa apenas por sua própria vontade (o que obviamente é o resultado das influências sociais que cada um sofre), se afirma sob seu lado econômico, político e moral ao mesmo tempo e que se apresenta sobre a necessidade do comunismo, impostas às nossas sociedades modernas pelo caráter eminentemente social da nossa produção atual.

Na verdade, sabemos muito bem hoje que é inútil falar sobre liberdade enquanto o escravo econômico existe.

"Não falam sobre liberdade - a pobreza é escravidão!" Não é mais uma fórmula vã: penetrou nas idéias das grandes massas de trabalhadores, permeia toda a literatura do

tempo, leva os que vivem da pobreza dos outros e os rouba de arrogância com a qual eles reivindicaram seus direitos à exploração.

Que a atual forma de apropriação do capital social não pode durar mais? Além disso milhões de socialistas nos Dois Mundos já concordam. Os próprios capitalistas sentem que está indo embora e não se atrevem a defendê-lo com a confiança do passado. Sua única defesa é basicamente nos dizer: "*Você não inventou nada melhor!*" Quanto à negação das consequências fatais das formas de propriedade presente, eles não podem. Eles praticam esse direito enquanto nós ainda lhes permite a atitude, mas sem tentar se sentar em uma idéia.

Isso é compreensível.

Veja, por exemplo, esta cidade de Paris - criação de tantos séculos, produto do gênio de uma nação inteira, resultante do trabalho de vinte ou trinta gerações. Como apoiar o habitante desta cidade, que trabalha todos os dias para embrulhar, desinfetar, alimentar, providenciar obras-primas do gênio humano, fazer um centro de pensamento e de arte? Como apoiar antes dele, quem cria tudo isso, que os palácios que adornam as ruas de Paris pertencem plenamente na justiça para aqueles que hoje são os proprietários legais, enquanto todos valorizamos isso, pois sem nós, seria nulo .

Essa ficção pode ser mantida por algum tempo pelo endereço dos educadores das pessoas. Os grandes batalhões de trabalho nem sequer podem pensar nisso.

Mas, enquanto uma minoria de homens pensa esta questão e a submete a todos, não há dúvida sobre a resposta. O espírito popular responde: "*É pela espoliação que eles possuem as riquezas!*".

Do mesmo modo, como se pode acreditar no camponês que esta terra altivamente ou burguesa pertence ao proprietário em direito legítimo, quando o campones nos contará a história de cada terreno dez léguas? Como fazê-lo acreditar especialmente que é útil para a nação que tal homem proteja esta terra para o seu parque, enquanto tantos agricultores da região estão apenas pedindo para cultivá-lo?

Finalmente, como o trabalhador de uma fábrica desse tipo ou de um mineiro pode acreditar que a fábrica e a mina pertencem igualmente aos seus mestres atuais, enquanto o trabalhador e até mesmo o mineiro começam a ver claramente no Panamá? os vasos de vinho, as estradas de ferro francesas ou turcas, o saque do Estado e o roubo legal, sobre o qual está construído a grande Propriedade comercial ou industrial?

Na verdade, as massas já acreditaram nos sofismas ensinados por economistas, em vez de confirmar os exploradores em seus direitos do que converter os explorados! Aborrecido pela miséria, não encontrando apoio nas classes superiores, o camponês e o trabalhador simplesmente se permitiram fazê-lo, mesmo que tivessem que afirmar seus direitos de vez em quando por piadas. E se um trabalhador da cidade pudesse ter acreditado por um momento que chegaria o dia em que a apropriação pessoal do capital beneficiaria a todos, ao constituir um fundo de riqueza para a partilha de que todos seriam chamados, essa ilusão também desaparece como tantos outros. O trabalhador percebe que, deserdado, ele continuava deserdado, que para arrancar de seus mestres a menor

riqueza constituída por seus esforços, ele deve recorrer a revolta ou greve, isto é, dizer para impor os trances de fome e encarcerar, se não se expor a tiroteios imperiais, reais ou republicanos.

Mas um mal ainda mais profundo do sistema atual está se tornando cada vez mais evidente. É na ordem da apropriação privada, tudo o que é usado para viver e para o solo, a habitação, a comida e o instrumento de trabalho uma vez nas mãos de alguns, estes impedem continuamente a produção do que é necessário dar bem-estar de todos. O trabalhador sente vagamente que nosso poder técnico atual poderia dar a todos um amplo senso de bem-estar, mas também percebe como o sistema capitalista e o Estado impedem em todas as direções de conquistar esse bem-estar.

Longe de produzir mais do que precisamos para garantir a riqueza material, não estamos produzindo o suficiente. O agricultor, quando cobiça os parques e jardins dos corsários da indústria e os panamistas, em torno dos quais o juiz e o policial estão de guarda, entende isso, já que ele sonha em cobri-los com colheitas que, ele sabia, trouxeram abundância para as aldeias onde se come pão polvilhado com piquette.

O menor, quando, três dias por semana, ele é forçado a vagar com os braços pendurados, pensa em toneladas de carvão que ele poderia extrair e que falta em todos os lugares em famílias pobres.

O trabalhador, quando sua fábrica está falindo e ele corre pelas ruas em busca do trabalho, vê os pedreiros dormindo como ele, enquanto um quinto da população de Paris vive em favelas não saudáveis; ele vê sapateiros queixando-se de falta de trabalho quando tantas pessoas estão sem sapatos, e assim por diante.

Na verdade, embora alguns economistas gostem de fazer tratados sobre a superprodução e se eles explicassem cada crise industrial por essa causa, eles, no entanto, ficariam muito envergonhados se fossem convocados a nomear um único artigo que a França produzisse em quantidades maiores do que é necessário para satisfazer as necessidades de toda a população. Certamente não é o trigo: o país é obrigado a importar. Também não é o vinho: os camponeses bebem muito pouco e substituem-no por piquette, e a população das cidades deve estar satisfeita com produtos adulterados. Estas não são, obviamente, as casas: milhões ainda vivem em casas de palha com uma ou duas aberturas. Nem mesmo livros, bom ou ruim, que ainda são um item de luxo para a aldeia. Um único artigo é produzido em quantidades maiores do que é necessário, - é o **budgétaire**;¹ mas esta mercadoria não aparece nos cursos de economia política, enquanto que ela tem os atributos, uma vez que sempre vende a maior quantidade.

O que o economista chama de superprodução é, portanto, apenas uma produção que supera o poder de compra dos trabalhadores, reduzido à pobreza pelo Capital e pelo Estado. No entanto, esse tipo de superprodução permanece inevitavelmente como a marca registrada da produção capitalista atual, já que Proudhon já havia dito bem - os trabalhadores não podem comprar com seus salários o que produziram e gentilmente

1 - Quem vem do campo das finanças, qualifica todos os elementos que se relacionam com o orçamento, isto é, a totalidade das despesas e as entradas de dinheiro planejadas por um período e uma pessoa (ou família, ou empresa).

nutre ao mesmo tempo os enxames de pessoas que vivem nos seus ombros.

A essência do atual sistema econômico é que o trabalhador nunca poderá aproveitar o bem-estar que ele produziu, e que o número de pessoas que vivem à sua custa sempre aumentará. Quanto mais avançado for um país na indústria, maior será o número. Mais uma vez, a indústria é dirigida, e terá que ser direcionada, não ao que falta para satisfazer as necessidades de todos, mas ao que em um ponto produz os maiores benefícios temporários para alguns.

Por necessidade, a abundância de alguns será baseada na pobreza dos outros, e o desconforto de muitos terá que ser mantido a todo custo, de modo que existam armas que vendam apenas uma parte do que eles são capazes de produzir; sem isso, não há acumulação privada de capital!

Essas características do nosso sistema econômico tornam a essência.

Sem eles, ele não pode existir, pois quem venderia seu trabalho por menos do que ele poderia dar, se ele não fosse forçado pela ameaça de fome? E essas características essenciais do sistema também são a condenação mais esmagadora.

Enquanto a Inglaterra e a França fossem pioneiras da indústria, entre as nações atrasadas no desenvolvimento técnico, e desde que possam vender a seus vizinhos suas lãs, seu algodão e suas sedas, o seu ferro e suas máquinas, bem como toda uma série de itens de luxo, a preços que lhes permitiram, para se enriquecer à custa de sua clientela, o trabalhador poderia ser mantido na esperança de que ele também fosse chamado a se apropriar de uma parcela cada vez maior dos despojos. Mas essas condições desaparecem. As nações atrasadas há trinta anos tornaram-se grandes produtores de algodão, lã, sedas, máquinas e bens de luxo.

Em alguns ramos da indústria, eles assumiram a liderança e, para não mencionar o comércio distante, onde eles lutam seus suores mais antigos, eles já estão competindo com eles em seus próprios mercados. Em alguns anos, Alemanha, Suíça, Itália, Estados Unidos, Rússia e Japão tornaram-se países de grande indústria. O México, as Índias, mesmo a Sérvia, seguem o exemplo e o que será quando os chineses começarem a imitar os japoneses pela fabricação também para o mercado universal?

Como resultado, as crises industriais, cuja frequência e duração estão aumentando, passaram para muitas indústrias em estado crônico. Da mesma forma, a guerra para os mercados do Leste e da África tem estado na agenda há vários anos: a espada da guerra européia foi suspensa por vinte e cinco anos em estados europeus. E se essa guerra ainda não explodiu, é acima de tudo, talvez, porque as grandes finanças consideram vantajoso que os Estados sempre adiam cada vez mais. Mas o dia em que o banco alto descobrirá que a guerra explode, os rebanhos humanos serão lançados contra outros rebanhos e matar-se-ão para resolver os assuntos dos mestres financeiros do universo.

Tudo está ligado entre si, tudo está no sistema econômico atual e tudo contribui para que a queda do sistema industrial e comercial sob o qual vivamos seja inevitável. Sua duração é apenas uma questão de tempo, que já pode ser quantificada por anos e

não por séculos. Uma questão de tempo - e ataque a energia da nossa parte! Pessoas preguiçosas não fazem história: elas sofrem!

É por isso que tais minorias poderosas estão sendo formadas em todas as nações civilizadas e estão chamando alto para o retorno à comunidade de toda a riqueza acumulada pelo trabalho das gerações anteriores. A comunhão do solo, das minas, das fábricas, das casas habitadas e dos meios de transporte já é a palavra de ordem dessas frações imponentes e a repressão - essa arma favorita dos ricos e poderosos - não pode fazer nada para parar a marcha triunfal dos espíritos rebeldes. E se milhões de trabalhadores não começarem a arrancar o chão e a planta dos açambarcadores, certifique-se de que não é por falta disso. Eles estão apenas esperando os eventos certos - um momento como o de 1848, onde eles poderão embarcar na demolição do atual regime, na esperança de ser apoiado por um movimento internacional.

Este momento não pode esperar, porque, como a Internacional foi esmagada pelos governos em 1872 - especialmente desde então - fez progressos imenso, cujos seguidores mais ardentes muitas vezes não percebem a importância. É constituído de fato, nas idéias, nos sentimentos, no estabelecimento relacionamentos contínuos. É verdade que a plutocracia francesa, inglesa, italiana, os alemães são todos rivais. A qualquer momento, eles podem até levar as pessoas a se precipitar em umas contra as outras. No entanto, certifique-se de que no dia em que a revolução comunista e social estoura na França, a França encontrará velhas simpatias entre os povos do mundo, incluindo os povos alemão, italiano e inglês. E quando a Alemanha, que entre parênteses está mais perto de uma revolução do que pensamos, vai voar a bandeira - embora Jacobina - desta revolução com todo o ardor da juventude e do período ascendente que ela está atravessando agora, ela encontrará neste lado do **Rhin**² todos os simpatizantes e todo o apoio de um povo que ama os revolucionários ousados e odeia a arrogância da plutocracia.

Várias causas atrasaram o início desta inevitável revolução.

A incerteza das relações internacionais certamente existe para alguns coisa. Mas existe, parece-me, outra causa mais profunda, na qual gostaria de chamar toda a sua atenção. Há, como muitas sugestões sugerem, uma profunda transformação de idéias entre os próprios socialistas, semelhante à que esbocei no início desta conferência, quando falo de ciência em geral. E a incerteza dos socialistas sobre a organização da sociedade que desejam, paralisam até certo ponto sua energia. Nos primeiros tempos, na década de 1840, o socialismo emergiu como comunismo, como uma república unida e indivisível, como ditadura e jacobinismo governamental, aplicada na esfera econômica. Este foi o ideal do tempo. Religioso ou pensador livre, o socialista da época estava pronto para se submeter a qualquer governo forte, ou mesmo ao império, desde que o governo redescubra as relações econômicas em benefício do trabalhador.

Desde então, uma revolução profunda foi realizada, especialmente entre os povos latinos e na Inglaterra. O comunismo de governo, como o comunismo teocrático, é

2 - Nome francês para um rio no centro e W Europa, subindo em SE Suíça: atravessa o Lago Constance ao norte através da Alemanha e oeste através dos Países Baixos até o Mar do Norte. Comprimento: cerca de 1320 km (820 milhas).

repugnante para os trabalhadores. E essa repugnância deu origem à Internacional, uma nova concepção, ou doutrina, coletivismo. Esta doutrina, em seus inícios, significava a posse coletiva das ferramentas de trabalho (sem entender o que é necessário para viver) e o direito de cada grupo aceitar, para seus membros, um modo de remuneração que desejasse, comunista ou individual. No entanto, pouco a pouco, esse sistema se transforma em um tipo de compromisso entre o comunismo e a remuneração individual do assalariado. Hoje, o coletivista quer que tudo o que é usado para a produção se torne uma propriedade comum, mas que cada um, no entanto, é pago individualmente, em ordens de trabalho, de acordo com o número de horas que ele deu à produção. Esses vouchers seriam usados para comprar nas lojas sociais todos os bens, ao preço de custo que também seria estimado no horário de trabalho.

Mas se você analisar bem essa idéia, você concordaria que sua essência, resumida por um dos nossos amigos, é reduzida a isso:

Comunismo parcial na posse dos instrumentos de trabalho e educação; competição entre indivíduos e grupos de pão, habitação, vestuário; - individualismo para obras de pensamento e arte; - E assistência social para crianças, doentes, idosos.

Em uma palavra? A luta pelos meios de subsistência, atenuada pela caridade, sempre a máxima cristã: *"Ferimento para curar então!"* E ainda abre a porta para a inquisição para saber se você é o homem que sabe lutar, ou então, o homem que o estado deve resgatar.

A idéia que você conhece é antiga. Data de Robert Owen. Proudhon recomendou isso em 1848; hoje fazemos disso o *"socialismo científico"*.

No entanto, deve-se dizer que esse sistema parece ter pouca atenção nas mentes das massas; parece que eles estão conscientes dos inconvenientes, para não mencionar a impossibilidade.

Primeiro, o tempo dado a qualquer trabalho não dá uma medida da utilidade social do trabalho realizado, e as teorias de valor que se queria basear, de Adam Smith a Marx, apenas sobre o custo de produção, avaliado em trabalho, não conseguiu resolver o problema do valor. Assim que houver uma troca, o valor de um objeto se torna uma quantidade complexa, que depende, sobretudo, do grau de satisfação que traz às necessidades - não do indivíduo, como costumavam dizer alguns economistas, mas de toda a sociedade, tomada como um todo. O valor é um fato social. Resultado de uma troca, tem um duplo aspecto: a dor lateral e a satisfação lateral, uma e outra concebida em seu aspecto social e não individual. Por outro lado, quando se analisa os males do regime econômico atual, percebe-se - e o trabalhador sabe muito bem - que sua essência é na necessidade forçada para o trabalhador vender sua força de trabalho. Não tendo dinheiro por uma quinzena por vir, colocada pelo estado incapaz de usar suas forças sem vendê-las a alguém, o trabalhador se vende com aquele que promete dar-lhe trabalho; ele renuncia aos benefícios que seu trabalho poderia trazê-lo, ele abandona ao chefe a parte do leão dos produtos que ele fará, ele abdica sua própria liberdade, ele desiste do direito de expressar sua opinião sobre a utilidade do que ele irá produzir e como fazê-lo.

A acumulação de capital, portanto, resulta, não da sua capacidade de absorver a mais-valia, mas da necessidade em que o trabalhador é colocado, para vender sua força de trabalho - ele, que vende, é certo antecipadamente que não recebe tudo o que essa força produz, para ser prejudicado em seus interesses, para se tornar o inferior do comprador. Caso contrário, o capitalista nunca teria comprado. Isso significa que para mudar esse sistema, ele deve ser atacado em sua essência, na sua causa - a venda e a compra - Não em seus efeitos, o capitalismo.

Os trabalhadores têm uma vaga intuição, e ouvimos mais e mais frequentemente que não haverá nada se a revolução social não começar com a distribuição de produtos, se não garante a tudo o que é necessário viver? isto é, a habitação, a comida, a roupa. E sabemos que isso é bem possível com os poderosos meios de produção que temos. - Ainda empregado, o trabalhador permanecerá escravo daquele a quem ele seria obrigado a vender suas forças, - que este comprador é um indivíduo ou o Estado.

No espírito das pessoas - nesta soma de milhares de opiniões que atravessaram os cérebros humanos, também sentimos que, se o Estado fosse substituir o chefe em seu papel de comprador e supervisor da força de trabalho, ainda seria uma odiosa tirania. O homem das pessoas não explica as abstrações, ele pensa em termos concretos, e é por isso que ele sente que o "Estado" de abstração assumiria a forma de muitos funcionários, tirados de sua fábrica ou oficina, e ele sabe o que fazer em suas virtudes; excelentes companheiros hoje, eles se tornam líderes do futuro insustentáveis. E ele busca a constituição social que elimina os males atuais, sem criar novos.

É por isso que o coletivismo nunca fascinou as massas que voltam sempre ao comunismo, mas a um comunismo cada vez mais despojado de teocracia e autoritarismo jacobino dos anos quarenta - ao comunismo livre, anarquista.

Vou dizer mais. Ao referir continuamente os meus pensamentos ao que vimos durante este quarto de século no movimento social europeu, não posso deixar de acreditar que o socialismo moderno é necessariamente levado a dar um passo em frente para o comunismo libertário; e isso, até que este passo seja tomado, a incerteza na mente popular, que acabo de apontar, paralisa os esforços da propaganda socialista.

O socialismo parece-me levado, pela própria força das coisas, a aceitar que a garantia material da existência a todos os membros da comunidade deve ser o primeiro ato da revolução social. Mas ele também é levado a dar mais um passo. É forçado a reconhecer que esta garantia deve ser feita, não pelo Estado, mas completamente fora do Estado e sem a sua intervenção.

Que uma sociedade, de volta à posse de toda a riqueza acumulada em seu seio, pode em grande parte garantir abundância a todos, em troca de quatro ou cinco horas por dia de mão-de-obra real e manual em produção - sobre o assentimento unânimes daqueles que pensaram nessa questão já estão adquiridos. Se todos, desde a sua infância, soubessem de onde veio o pão de onde estava, a casa em que morava, o livro que estudava e outras coisas, e se todos estivessem acostumados a completar o trabalho de pensamento pelo trabalho das ferramentas em algum ramo da produção manual, a sociedade poderia facilmente cumprir esta tarefa, sem sequer contar com as

simplificações da produção que reservamos um futuro mais ou menos próximo. Que uma sociedade, tomada de posse de todas as riquezas, é suficiente, de fato, pensar um momento para o desperdício inédito, inimaginável, das forças humanas que é feita hoje, para conceber o que uma sociedade civilizada pode produzir, com que pequena quantidade de trabalho de cada um, e quais grandes obras ela poderia empreender que estão fora de questão hoje. Infelizmente, a metafísica, chamada economia política, nunca se preocupou com o que deveria ser sua essência - a economia das forças.

Sobre a possibilidade de riqueza em uma sociedade comunista, equipada como estamos, não há mais dúvidas. Onde as dúvidas surgem, é quando se trata de saber se tal sociedade pode existir sem que o homem esteja sujeito em todos os seus atos ao controle do Estado; se não for necessário alcançar o bem-estar, que as sociedades europeias sacrificam as poucas liberdades pessoais que reconquistaram durante este século, ao preço de tantos sacrifícios? - Alguns dos socialistas dizem que é impossível alcançar esse resultado sem sacrificar a liberdade no altar do Estado. O outro, ao qual pertencemos, afirma, pelo contrário, que é somente pela abolição do Estado, pela conquista de toda a liberdade do indivíduo, pela livre-iniciativa, associação e federação livres, absolutamente livres é que possamos chegar ao comunismo - a posse comum de nossa herança social, e a produção conjunta de toda a riqueza.

Esta é a questão que tem precedência sobre todos os outros neste momento e que o socialismo é forçado a resolver, caso contrário, todos os seus esforços serão comprometidos, todo seu desenvolvimento posterior paralisado. Vamos analisá-lo com toda a atenção que merece.

Se todo socialista quer se referir amargamente a suas memórias, ele certamente recordará a multidão de preconceitos que despertaram nele, quando ele pensou pela primeira vez que a abolição do sistema capitalista, da apropriação privada do solo e do capital, torna-se uma necessidade histórica.

O mesmo está acontecendo hoje, quando alguém que ouve pela primeira vez que a abolição do Estado, das suas leis, de todo o seu sistema de administração, do governo e da centralização também se torna uma necessidade histórica; que a abolição de um sem o outro é materialmente impossível. Toda a nossa educação feita, observe bem, pela Igreja e pelo Estado, no interesse de ambos - revolta contra essa concepção.

Ela é, no entanto, menos certa para isso? E no Holocausto dos preconceitos que já fizemos para a nossa emancipação, a do Estado deve sobreviver?

Não irei fazer aqui a crítica do Estado, tantas vezes já fiz e refiz, e sou obrigado a referir a outra conferência a análise do papel histórico do Estado.

Algumas considerações gerais serão suficientes para nós.

E, em primeiro lugar, se o homem, desde as suas origens, sempre viveu nas sociedades, o Estado é apenas uma das formas da vida social, ainda recente para as nossas sociedades europeias. O homem viveu milhares de anos antes da constituição dos primeiros Estados; A Grécia e Roma existiram durante séculos, antes de chegar aos impérios Macedônio e Romano, e para nós, europeus modernos, os Estados remontam

apenas ao século XVI. Foi só então que a derrota das comunas livres foi concluída e que esta garantia mútua foi estabelecida entre a autoridade militar, judicial, senhorial e capitalista, que tem o nome de "Estado".

Não foi até o século XVI que um golpe mortal foi trazido para as idéias de independência local, união e organização livre, de federação em todos os níveis, entre grupos soberanos, com todas as funções, hoje, monopolizada pelo Estado. Foi somente neste momento que a aliança entre a Igreja e o poder nascente dos reis pôs fim a essa organização, baseada no princípio federativo, que existia do século nono ao xv, e que produziu na Europa o Grande período das cidades livres da Idade Média, dos quais Sismondi e Augustin Thierry, infelizmente, pouco lidos hoje, adivinharam o personagem.

Conhecemos os meios pelos quais essa associação entre o senhor, o sacerdote, o comerciante, o juiz, o soldado e o rei assumiram o seu domínio. Foi pela aniquilação de todos os contratos gratuitos; comunidades da aldeia, guildas, companheirismos, fraternidades, conjurações medievais. Foi pelo confisco das terras da comuna e da riqueza das guildas; foi pela proibição absoluta e feroz de qualquer tipo de compreensão livre entre homens; foi pelo massacre, a roda, o gibbet, a espada e o fogo que a Igreja e o Estado estabeleceram sua dominação - que eles conseguiram reinar sobre assuntos coerentes, não tendo mais nenhuma união direta entre si.

Somente hoje, há apenas vinte anos atrás, começamos a conquistar, através da luta e da rebelião, algumas ações do direito de associação, praticados livremente por artesãos e cultivadores de solo durante a Idade Média.

E qual é a tendência predominante na vida das nações civilizadas? Não se trata de unir, de associar, constituir mil e mil sociedades livres para a satisfação de todas as múltiplas necessidades do homem civilizado?

A Europa é, de fato, coberta por associações voluntárias para estudo, educação, indústria e comércio, para ciência, arte e literatura, para resistência à violência e a exploração, diversão e trabalho sério, para o gozo e a abnegação, por tudo o que faz da vida ser ativo e pensativo. Vemos essas empresas emergir em todos os cantos de todos os campos: político, econômico, artístico, intelectual. Alguns vivem apenas o que as rosas vivem, outros foram mantidos há décadas, e todos procuram, mantendo a independência de cada grupo, círculo, ramo ou seção, federar, unir, por acima das fronteiras, bem como em todas as nações, para cobrir toda a vida dos civilizados com uma rede cujas malhas se entrecruzam e entrelaçam. Seu número já é dezenas de milhares, eles abraçam milhões de adeptos, mas há cinquenta anos que o Estado e a Igreja começaram a tolerar alguns - apenas alguns?

Em todo o lado, essas sociedades já estão invadindo as funções do Estado e buscando substituir ação livre e voluntária pela do Estado centralizado. Na Inglaterra, vemos o surgimento de companhias de seguros contra roubo; empresas de voluntários, para defesa do território, sociedades de defesa das costas, que o Estado obviamente procura colocar sob sua orientação, e cujos instrumentos de dominação ele deseja fazer, mas a idéia mãe era dispensar o Estado. Se fossem a Igreja e o Estado, sociedades livres já teriam conquistado para o trabalho voluntário o imenso campo da educação. E apesar

de todas as dificuldades, eles começam a invadir essa área e já estão fazendo sua influência ser sentida.

E quando vemos o progresso que está sendo feito nesta direção, apesar e contra o Estado, que quer manter a supremacia que ele conquistou durante esses últimos três séculos; quando vemos como a sociedade voluntária invade tudo e é interrompida em seus desenvolvimentos apenas pela força do Estado, somos forçados a reconhecer uma tendência poderosa, uma força latente da sociedade moderna.

E temos o direito de nos fazer essa pergunta: **“Se em cinco, dez ou vinte anos - não importa - os trabalhadores revoltados conseguirem separar a companhia de seguros mútua entre proprietários, banqueiros, sacerdotes, juizes e soldados; se as pessoas se tornarem mestres de seu destino por alguns meses e colocarem suas mãos na riqueza que eles mesmos criaram e que lhe pertence por direito - Eles realmente tentaram reconstruir este polvo, o Estado? ou então, eles não preferiria organizar-se do simples ao composto, de acordo com o acordo mútuo e as necessidades infinitamente variadas e sempre mudando de cada localidade, para garantir a posse dessas riquezas, para garantir a vida do outro e produzir o que será necessário para a vida?”**.

Será que seguirá a tendência dominante do século, ou isso irá contra essa tendência e procurará reconstruir a autoridade demolida?

O homem educado - “O civilizado”, como Fourier disse com desprezo - estremeceu com a idéia de que a sociedade poderia algum dia se encontrar sem juizes, gendarmes, carcereiros ...

Mas, francamente, você precisa disso tanto quanto você foi informado nos livros, os livros escritos se informam bem - por estudiosos, que geralmente conhecem o que foram escritos por outros antes deles, mas, em sua maioria, ignoram absolutamente as pessoas e suas vidas diárias?

Se pudermos andar sem medo, não só nas ruas de Paris, repleto de policiais, mas especialmente nas estradas rurais, onde nos encontramos com apenas alguns passageiros - É para a polícia que devemos essa segurança? Ou melhor, a ausência de pessoas que querem nos matar ou nos roubar? Claro, não quero dizer aquele que carrega milhões. Esse - um julgamento recente nos diz - é roubado rapidamente, de preferência em lugares onde há tantos policiais quanto lanternas. Não, estou falando sobre o homem que teme por sua vida e não por sua bolsa, cheio de coroas mal adquiridas.

- Os seus medos são reais?

Além disso, a experiência recentemente não mostrou que Jack O Estripador fez suas façanhas sob os olhos da polícia londrina? e ela ainda é uma das mais ativas, e que ele não cessou seus assassinatos até que o povo de Whitechapel começou a caçá-lo?

E em nossas relações diárias com outros cidadãos, você acha que são realmente os juizes, os carcereiros e os gendarmes que impedem a multiplicação de ações anti-sociais? O juiz, sempre feroz como um maníaco da lei, o delator, o informante, o policial,

todo esse submundo que vive em torno dos edifícios, ridicularizados por palavrões, não derramam na sociedade em forma de onda à desmoralização total? Leia os processos judiciais, dê uma olhada nos bastidores, aperfeiçoe a análise além da fachada externa, e você fica nauseado.

A prisão que mata no homem toda vontade e força de caráter, que contém em seus muros mais vícios do que se encontra em qualquer outro ponto do mundo, nem sempre foi a universidade do crime? Não é um tribunal uma escola de ferocidade? E assim por diante.

Somos informados de que quando pedimos a abolição do Estado e de todos os seus órgãos, sonhamos com uma sociedade composta por homens melhores do que realmente são. - Não, mil vezes não! Tudo o que pedimos é que não tornamos os homens pior do que eles são, por tais instituições!

Um dia, um renomado advogado alemão, Ihering, queria resumir o trabalho científico de sua vida e escrever um tratado no qual ele propôs analisar os fatores que mantêm a vida social na sociedade. "**O objetivo em lei**" (**Der Zweck im Rechte**)³, tal é o título deste livro que goza de uma merecida reputação.

Ele elaborou um plano elaborado deste tratado e discutiu com muita erudição os dois fatores coercivos: trabalho assalariado e outras formas de coerção consagradas na lei. No final de seu livro, ele reservou dois parágrafos para mencionar os dois fatores não coercivos, aos quais ele anexou, com justiça em um jurista, uma importância medíocre - o sentimento de dever e o sentimento de simpatia.

Mas o que aconteceu? Ao analisar os fatores coercivos, ele notou sua inadequação. Ele dedicou a eles um volume inteiro de análise apertada, e o resultado foi ... diminuir sua importância. Quando ele começou os dois últimos parágrafos, quando ele começou a refletir sobre os fatores não coercivos da sociedade, ele percebeu sua imensa importância, preponderante; ele foi forçado a escrever um segundo volume, duas vezes maior do que o primeiro, nesses dois fatores, o apoio voluntário e mútuo e, no entanto, ele analisou apenas uma pequena parte disso - aqueles que resultam de simpatias pessoais - e mal tocou o entendimento gratuito que resulta de instituições sociais.

Bem, pare de repetir as fórmulas aprendidas na escola, pense nessas idéias e o mesmo que aconteceu com Ihering acontecerá com você: você reconhecerá a importância mínima da coerção, em comparação com os fatores de consentimento voluntário, na sociedade.

Por outro lado, se, seguindo um conselho muito antigo dado por Bentham, você começa a pensar nas conseqüências fatais - diretas e especialmente indiretas - de coerção legal, então, como Tolstói, como nós, você odiará esse uso da força e você virá dizer-lhe que a sociedade tem mais de mil meios e mais eficazes para prevenir atos anti-

³ - Rudolf von Ihering (Aurich, 22 de agosto de 1818 — Gotinga, 17 de setembro de 1892) foi um jurista alemão. Ocupa ao lado de Friedrich Karl von Savigny lugar ímpar na história do direito alemão, tendo sua obra grandemente influenciado a cultura jurídica em todo o mundo ocidental.

sociais; Se ela negligenciá-los hoje, é porque sua educação, feita pela Igreja e pelo Estado, sua covardia, sua preguiça de espírito, impedem que ela veja claramente nessas questões. Quando uma criança fez um pecadinho, é tão conveniente castigá-lo: interrompe qualquer discussão! É tão fácil, não é, ter um homem guilhotinado? Especialmente quando você tem um Deibler pago durante todo o ano?

Isso nos isenta de pensar nas causas dos crimes.

Costuma-se dizer que os anarquistas vivem em um mundo de sonhos para o futuro e não vêem as coisas do presente. Nós os vemos apenas demais, talvez, em suas cores verdadeiras, e é isso que nos faz carregar o machado nesta floresta de preconceitos autoritários que os obceca.

Longe de viver em um mundo de visões e imaginar homens melhores do que eles são, nós os vemos como estão, e é por isso que afirmamos que o melhor dos homens é essencialmente ruim pelo exercício da autoridade, e que a teoria da "ponderação dos poderes" e do "controle das autoridades" é uma fórmula hipócrita, feita pelos detentores do poder para acreditar no "povo soberano" que eles desprezam, que é ele quem governa.

É porque conhecemos os homens que dizemos àqueles que imaginam que, sem eles, os homens se devoram um ao outro: Você raciocina como aquele rei que, enviado de volta à fronteira, exclamou: *"O que acontecerá com meus pobres assuntos sem mim!"*.

Ah, se os homens fossem esses seres superiores cujos utopistas da autoridade gostaria de nos falar, se pudéssemos fechar os olhos à realidade e a viver, em um mundo de ilusões sobre a superioridade daqueles que pensam que são chamados ao poder, talvez fôssemos como eles. Nós iríamos acreditar nas virtudes dos governantes.

Com mestres virtuosos, qual o risco que a escravidão pode oferecer? Você se lembra do mestre escravo que já ouvimos há cerca de trinta anos atrás?

Ele não deveria cuidar dos seus escravos? Ele sozinho poderia impedir que aquelas crianças preguiçosas, indiferentes e improvisadas morressem de fome. Ele, esmaga seus escravos sob o peso do trabalho, ou mutila-os sob os golpes! Como ele faria isso porque seu interesse direto era alimentá-los bem, para tratá-los bem, para tratá-los como seus filhos! E então, "a lei" não teve o cuidado de punir as menores partidas de um mestre que havia esquecido seus deveres? Ah, quantas vezes nos disseram! Mas a realidade era tal que, voltou de sua viagem ao Brasil, Charles Darwin estava assombrado durante toda a vida pelos gritos de angústia de escravos mutilados, os soluços das mulheres gemendo, os dedos apertados nos polegares.

Se os cavalheiros no poder eram realmente esses seres inteligentes e devotados à causa pública, cujos peregrinos da autoridade gostam de falar conosco, o que um belo governo utópico e o chefe não constrói! O chefe nunca seria o tirano do trabalhador, ele seria o pai! A fábrica seria um lugar de prazer e nunca os trabalhadores estarão condenados ao declínio físico. O Estado não envenenaria seus trabalhadores fazendo fósforos brancos, que é tão fácil de substituir com fósforo vermelho. O juiz não teria a ferocidade para condenar a esposa e os filhos para mandar à prisão, para sofrer anos de

fome e miséria e morrer um dia de anemia: nunca um promotor perguntaria ao chefe de um acusado com o único prazer de promover suas habilidades oratórias, e em nenhum lugar seria encontrado um carcereiro ou um Deibler para executar as sentenças que os juízes não têm a coragem de se executar. O que eu estou falando! Nós nunca teríamos Plutocratas suficientes para contar as virtudes dos deputados, tendo verificações horrorizadas! Biribi se tornaria uma enfermeira austera de virtudes, e os exércitos permanentes seriam a alegria dos cidadãos, já que os soldados só levavam o rifle para desfilarem diante das babás e para levar bouquets de flores na ponta de suas baionetas!

Oh, a utopia bonita, o belo sonho de Natal que fazemos, assim que admitimos que os governantes representam uma casta superior com pouco ou nenhum conhecimento das fraquezas dos meros mortais! Seria o suficiente para que eles controlassem hierarquicamente um para o outro, para permitir que eles troquem no máximo cerca de cinquenta artigos entre vários administradores quando o vento quebrar uma árvore em uma estrada nacional. Ou, se necessário, são apreciados por essas mesmas massas de mortais, que, dotados de todas as fraquezas em suas relações mútuas, tornam-se a mesma sabedoria quando se trata de escolher mestres.

Toda a ciência do governo, imaginada pelos próprios governantes, está imbuída dessas utopias. Mas conhecemos bem os homens para sonhar com essas coisas. Não temos dois pesos e duas medidas para as virtudes dos governados e os dos governantes; Nós sabemos que nós mesmos não estamos livres dos defeitos e que o melhor de nós seria rapidamente corrompido pelo exercício do poder. Nós levamos os homens pelo que são - e é por isso que odiamos o governo do homem pelo homem e trabalhamos com todas as nossas forças, não é suficiente, talvez, para acabar com isso.

Mas não basta demolir. Também é necessário saber como construir, e é por querer pensar que as pessoas sempre foram enganadas em todas as suas revoluções. Após a demolição, ele abandonou a tarefa de reconstruir, os burgueses que tinham uma concepção mais ou menos clara do que queriam alcançar, e depois constituíram a autoridade a seu favor.

É por isso que a Anarquia, quando trabalha para demolir a autoridade em todos os seus aspectos, quando pede a revogação das leis e a abolição do mecanismo que serve para impô-las, quando recusa qualquer organização hierárquica, e prega o acordo livre, ao mesmo tempo, para manter e expandir o núcleo precioso dos costumes sociais sem os quais nenhuma sociedade humana ou animal pode resistir. Somente, em vez de pedir a manutenção desses costumes sociais à autoridade de alguns, ela pede a ação contínua de todos.

As instituições e costumes comunistas estão se impondo à sociedade, não só como uma solução para as dificuldades econômicas, mas também para manter e desenvolver costumes sociáveis, que colocam as pessoas em contato, estabelecendo entre eles relações que tornam o interesse de cada um do interesse de todos, e uni-los, em vez de dividi-los.

Quando nos perguntamos, por qual meio um determinado nível moral pode ser mantido em uma sociedade humana ou animal, descobrimos apenas três: a repressão de

atos anti-sociais, educação moral, e a própria prática de apoio mútuo. E uma vez que todos os três foram praticados, podemos julgá-los em suas obras.

Quanto à impotência da repressão, é suficientemente demonstrado pela confusão da sociedade atual e pela própria necessidade da revolução que desejamos ou que todos nos sentimos inevitáveis. No campo econômico, a coerção nos levou à prisão industrial; no campo político - para o Estado, isto é, a destruição de todas as conexões que já existiam entre os cidadãos (Os jacobinos de 1793 quebraram as mesmas pessoas que resistiram ao estado monárquico), para que a nação se torne uma massa incoerente de assuntos, sujeita em todos os aspectos a uma autoridade central.

Não só o regime de coerção criou os males do atual sistema econômico, político e social, mas mostrou a absoluta impotência para elevar o nível moral das sociedades; eles nem sabiam como mantê-lo no nível alcançado. Porque se uma fada benéfica pudesse revelar aos olhos de todos os crimes cometidos todos os dias, cada momento em uma sociedade civilizada, sob o disfarce do desconhecido, das altas proteções e a própria lei, a sociedade se estremeceria. Os maiores crimes políticos, Os maiores crimes políticos, como 2 de dezembro ou Bloody Week, nunca são alcançados, e, como disse o poeta: *"Nós vencemos os pequenos malfeitores pela satisfação do grande"*. Mais do que isso. Embora a autoridade seja responsável pela moralização da sociedade pelo "castigo dos criminosos", ela só acumula novos crimes!

Praticada durante séculos, a repressão foi tão ruim que estamos em um beco sem saída, a partir do qual podemos sair apenas levando a tocha e o machado nas instituições do nosso passado autoritário.

Longe de nós a idéia de ignorar a importância do segundo fator, a educação moral - especialmente aquela que é transmitida inconscientemente na sociedade e resulta do conjunto de idéias e avaliações feitas por cada um de nós sobre os fatos e eventos da vida cotidiana. Mas esta força só pode atuar sobre a sociedade em uma condição: a de não ser frustrada por outro conjunto de ensinamentos imorais resultantes da prática das instituições.

Nesse caso, sua influência é nula ou mesmo prejudicial. Pegue a moral cristã: o que outros ensinamentos poderia ter mais defendido nas mentes do que alguém que falou em nome de um deus crucificado, e foi capaz de agir com toda a sua força mística, toda a poesia do martírio, toda a grandeza do perdão para executores? E, no entanto, a instituição era mais forte do que essa religião: o cristianismo logo se revoltou contra a Roma imperial - foi conquistado por esta mesma Roma: aceitou suas máximas, costumes e linguagem. A Igreja cristã tornou-se romana e, como tal, estava na história, aliada ao Estado, o inimigo mais amargo das instituições semi-comunistas, a que o cristianismo apelou nos seus primeiros começos.

Podemos acreditar por um momento que o ensino moral patrocinado pelas Circulares de Ministros de Instrução Pública teria a força criativa que o cristianismo não possuía? E o que o ensinamento dos homens realmente pode fazer? contra toda a educação derivada de costumes antisocial?

Resta o terceiro elemento - a própria instituição, agindo de forma a levar os atos sociais a um estado de hábito e instinto. Este - a história prova-nos - nunca falhou em seu objetivo, ele nunca agiu como uma espada de dois gumes; e quando ele enfraqueceu, foi só assim, o costume que procurava parar, cristalizar, tornando-se uma religião inatacável em si, absorveu o indivíduo, privou-o de toda a latitude de ação e, assim, forçou-o a se revoltar contra o que interrompeu o progresso.

Na verdade, tudo o que era no passado um elemento de progresso ou um instrumento de perfeição moral e intelectual da raça humana, é devido à prática do apoio mútuo, os costumes que reconheceram a igualdade dos homens e os trouxeram unir, associar-se para produzir e consumir, unir-se para defender-se, federar e não reconhecer outros juízes para esvaziar suas diferenças como os árbitros que tomaram em seu próprio peito.

Sempre que essas instituições de gênio popular, quando ele conquistou por um momento sua liberdade, sempre que essas instituições levaram à história um novo desenvolvimento, todo o nível moral da sociedade, seu bem-estar material, a liberdade, o progresso intelectual e a afirmação da originalidade individual entraram em uma fase ascendente. E a cada vez, pelo contrário, que, no decorrer da história, os homens, como resultado da conquista estrangeira, ou por causa do desenvolvimento de preconceitos autoritários, se tornaram cada vez mais divididos em governantes e governados, em exploradores e explorados, o nível moral foi reduzido, o bem-estar do grande número desapareceu para assegurar a riqueza de alguns e o espírito do século logo diminuiu.

Isto é o que a história nos ensina e é daí que confiamos nas instituições do comunismo livre, elevamos o nível moral das sociedades, menosprezados pela prática da autoridade.

Hoje, vivemos lado a lado sem nos conhecermos. Um dia de eleições nos reunimos em reuniões; nós ouvimos as falsas ou fantasiosas profissões de fé de um candidato, e nós vamos para casa. O Estado é responsável por todos os assuntos de interesse público; sozinho tem a função de garantir que não prejudiquemos o interesse do nosso próximo e, se necessário, reparar o mal ao nos castigar.

Seu vizinho pode morrer de fome ou nocautear seus filhos - isso não diz respeito a você; É o negócio da polícia. Vocês dificilmente se conhecem, nada se liga, tudo tende a alienar-se um ao outro e, não encontrando melhor, você pergunta ao Todo-Poderoso (uma vez que era um deus, hoje é o Estado) para fazer o máximo para evitar que as paixões anti-sociais atinjam seus últimos limites.

Em uma sociedade comunista, isso necessariamente muda. A organização do comunismo não pode ser confiada aos órgãos legislativos, que chamam de Parlamentos, conselhos municipais ou conselhos comunais. Deve ser o trabalho de todos, um produto do gênio construtivo da grande massa; O comunismo não pode ser imposto, não viveria se o apoio constante e cotidiano de todos não o mantivesse. Ele sufocaria em uma atmosfera de autoridade.

Consequentemente, não pode existir sem criar um contato contínuo entre todos

pelos mil e mil assuntos comuns; ele não pode viver sem criar vida local e independente nas unidades mais pequenas? a rua, o bloco, o bairro, a comuna. Não cumpriria seu propósito se não abranger a sociedade uma rede de milhares de associações para satisfazer as mil necessidades de luxo, estudo, diversão, divertimento, que não poderiam permanecer locais, mas que necessariamente tendem (como sociedades já aprendidas, sindicatos de ciclismo, sociedades de resgate, etc.) para se tornarem internacionais

E os costumes sociais que o comunismo - mesmo que apenas parcial na infância - deve inevitavelmente gerar na vida, já seria uma força incomparavelmente mais poderosa, para manter e desenvolver o núcleo de costumes sociáveis, do que qualquer aparelho repressivo.

Então, essa é a forma - a instituição sociável - a que pedimos o desenvolvimento do espírito de boa vontade que a Igreja e o Estado se entregaram a missão de nos impor - com os resultados lamentáveis que conhecemos apenas também. E essas reflexões, observemos, contêm nossa resposta para aqueles que dizem que o comunismo e a anarquia não podem caminhar juntos. Eles são, você vê, o complemento necessário um do outro.

O desenvolvimento mais poderoso da individualidade, da originalidade individual - tão bem comentado um de nossos camaradas - só pode acontecer quando as primeiras necessidades de alimentos e abrigo foram satisfeitas, quando a luta pela existência contra as forças da natureza foi simplificada e o tempo já não é tomado pelos pequenos lados da subsistência diária - a inteligência, o gosto artístico, o espírito inventivo, todo o gênio pode crescer à vontade.

Como este é o nosso ideal, o que é importante para nós que não pode ser plenamente realizado até um futuro mais ou menos distante!

Nosso dever é primeiro identificar, através da análise, as tendências da sociedade em um determinado momento em sua evolução e destacá-las. Em seguida, coloque essas tendências em prática em nossos relacionamentos com todos que pensam como nós.

E, finalmente, a partir de hoje, mas especialmente durante o período revolucionário, para demolir as instituições, bem como os preconceitos que impedem o desenvolvimento dessas tendências.

Isso é tudo o que podemos fazer, de forma pacífica e revolucionária; e sabemos que ao ajudar essas tendências a acontecer, estamos trabalhando para o progresso e que tudo o que será feito contra essas tendências só irá dificultar a marcha do progresso.

No entanto, muitas vezes falamos sobre os estágios a serem realizados, e somos oferecidos para trabalhar para alcançar o que é designado como o primeiro passo, mesmo para retomar a grande estrada, quando chegamos lá. Mas a razão dessa maneira parece-me desconsiderar o verdadeiro caráter do progresso humano e fazer uso de uma comparação militar, muito mal escolhida.

O comunismo é o melhor fundamento para o individualismo - não aquele que leva o

homem à guerra um contra o outro e é o único conhecido até agora, mas aquele que representa o pleno o surgimento de todas as faculdades do homem, o desenvolvimento superior do que é original nele, a maior fertilidade de inteligência, sentimento e vontade. A humanidade não é uma bola em movimento nem uma coluna em movimento. É mais um todo que evolui na multidão de milhões dos quais é composto, e se alguém quer uma comparação, é necessário tomá-lo em vez das leis da evolução do que nas de um corpo inorgânico em movimento.

O fato é que cada fase de desenvolvimento de uma sociedade é resultante de todas as atividades de cada uma das inteligências das quais a sociedade é composta: Ela tem a marca de todas essas milhões de vontades. Além disso, seja qual for o estágio de desenvolvimento que o século XX prepara para nós, ele terá o selo de despertar as idéias libertárias que ocorrem neste momento. E a profundidade desse movimento dependerá do número de mentes que quebraram com os preconceitos autoritários, a energia que atacaram as antigas instituições, a impressão que deixaram nas massas, da clareza com que surgirá uma sociedade livre nas mentes das massas. Mas, a partir de hoje, podemos dizer que, na França, o despertar de idéias libertárias já impressionou a sociedade com seu impulso e que a próxima revolução não será mais a revolução jacobina que teria acontecido se tivesse acontecido há vinte anos.

E uma vez que essas idéias não são a invenção de um homem ou de um grupo, mas resultam de todo o movimento de idéias do tempo, podemos ter certeza de que tudo o que resulte da próxima revolução, já não será o comunismo centralista e ditatorial dos anos quarenta, nem o coletivismo autoritário ao qual recentemente fomos convidados a se reunir, e que nos atrevemos a defender apenas fracamente neste momento.

O "primeiro passo" não será mais - é certo - o que foi chamado por esse nome há apenas vinte anos.

Já notei isso tanto quanto? podemos julgar pela observação, a grande questão neste momento para todo o Partido Socialista é conceder seu ideal de sociedade com o movimento libertário que brota na mente das massas. Também é, acima de tudo, despertar neles o espírito de iniciativa popular que falhou em revoluções anteriores.

A armadilha, de fato, em que todas as revoluções passadas falharam, foi a falta de iniciativa organizadora entre as massas populares. Admirável de inteligência no ataque, as pessoas não tinham iniciativa na construção do novo prédio. Forçosamente, ele a abandonou às aulas educadas, à burguesia que possuía seu ideal de sociedade e sabia mais ou menos o que desejava tirar proveito da agitação.

Em uma revolução, a demolição é apenas parte da tarefa do revolucionário. Devemos reconstruir, e a reconstrução será feita, ou de acordo com as fórmulas do passado, aprendidas nos livros, e que buscaremos impor às pessoas; ou, de acordo com o gênio popular que, espontaneamente, em cada pequena vila e em todos os centros urbanos, começarão a trabalhar para construir a sociedade socialista.

Mas para isso, é especialmente necessário que haja homens de iniciativa em seu seio.

Mas é precisamente a iniciativa do trabalhador e do camponês que todas as partes, incluindo o partido socialista autoritário, sempre sufocaram, conscientemente ou não, a disciplina do partido. Comitês, centro que ordena tudo, órgãos locais tinha apenas de obedecer, de modo a não pôr em perigo a unidade da organização.

Todo um ensinamento, toda uma história falsa e uma ciência incompreensível foram elaborados para esse fim.

Bem, aqueles que trabalharão para quebrar essa tática desatualizada, aqueles que despertarão o espírito de iniciativa em indivíduos e grupos, aqueles que conseguirão criar em suas relações mútuas uma ação e uma vida baseadas nesses princípios, aqueles que entendem essa variedade, mesmo o conflito, são a vida, e essa uniformidade é a morte, não funcionará nos séculos vindouros, mas para a próxima revolução.

Não devemos temer "os perigos e as lacunas da liberdade". Somente aqueles que não fazem nada não cometem erros. Quanto àqueles que não sabem como obedecer, eles comprometem tanto, e mais, do que aqueles que procuram seu jeito, tentando agir na direção que seu espírito e educação social sugerem. Mal entendidas e mal aplicadas, as idéias de liberdade do indivíduo - em um ambiente onde a noção de solidariedade não é suficientemente acentuada pelas instituições - certamente podem levar a atos que são repugnantes aos sentimentos sociais da humanidade. Admitindo que isso aconteça, essa é uma razão para jogar o princípio da liberdade ao mar? Isso é uma razão para aceitar o raciocínio dos mestres que restabelecem a censura para evitar os "desvios" de uma imprensa assinalada e guillotina os partidos avançados para manter a uniformidade e a disciplina - o que no final, como vimos em 1793, é a melhor maneira de garantir o triunfo - da reação?

O único que precisa ser feito quando vemos atos anti-sociais que ocorrem em nome da liberdade do indivíduo é repudiar o princípio de "cada homem para si e o Estado para todos", e Tenha a coragem de dizer alto e em face o que pensamos desses atos. Isso, sem dúvida, pode trazer o conflito; mas o conflito é a própria vida. E, do conflito surge uma apreciação desses atos, muitos mais do que todos aqueles que poderiam ter ocorrido sob a única influência das ideias adquiridas.

Quando o nível moral de uma sociedade diminui até o ponto em que é hoje, aguardemos antecipadamente a revolta contra esta sociedade para assumir, às vezes, formas que nos fazem estremecer; mas não condene por esse motivo a revolta. Sem dúvida, as cabeças jogadas no final das picas nos repugnam; mas os gibbets altos e baixos do Ancien Regime e as gaiolas de ferro que Victor Hugo nos falou, não foram a causa da caminhada sangrenta? Esperemos que o massacre de trinta e cinco mil parisienses em 1871 e o bombardeio de Paris por Thiers tenham passado pela nação francesa sem deixar muito fundo feroz; Esperemos que a vergonha do submundo, exposto por tantos processos judiciais recentes, ainda não tenha roído o coração da nação. Sim, espero, ajuda! Mas se nossas esperanças estão desapontadas, vocês jovens socialistas virarão as costas às pessoas revoltadas porque a ferocidade dos poderosos do dia deixará seus vestígios no espírito popular? Porque a lama de cima vai semear as salpicos?

É evidente que uma revolução tão profunda na mente não pode ser confinada ao domínio das idéias, sem se traduzir no domínio dos fatos. Como este jovem filósofo, muito rapidamente desviado da vida - Marc Guyau - disse em um dos mais belos livros publicados nos últimos trinta anos [1], não há um abismo entre pensamento e ação, pelo menos para aqueles que não estão acostumados a sofismas modernos. O design já é um começo de ação.

Assim, as novas idéias provocaram uma multidão de actos de revolta, em todos os países, de todas as formas possíveis: A revolta individual primeiro contra o capital e o estado, depois a revolta coletiva - a greve e a insurreição dos trabalhadores: ambos preparando, tanto na mente quanto na verdade, revolta de massa, revolução. Nesse sentido, o socialismo e a anarquia apenas seguiram a evolução, seguiram sempre as idéias-fortes na aproximação das grandes revoltas populares.

É por isso que seria incorreto atribuir à Anarquia o monopólio dos atos de revolta. E, de fato, quando analisamos os atos de revolta do último quarto de século, os vemos provenientes de todas as partes.

Em toda a Europa, vemos uma grande quantidade de revoltas das massas trabalhadoras e camponesas. A greve que já foi uma "guerra de armas cruzada" é agora muito facilmente uma revolta e, às vezes, nos Estados Unidos, na Bélgica, na Andaluzia - as proporções de uma vasta insurreição. É por dezenas que as revoltas de grevistas se tornam revoltas nos Dois Mundos.

Por outro lado, o ato de revolta individual leva todos os personagens possíveis, e todos os partidos avançados contribuem para isso. Nós vemos diante de nós o jovem socialista rebelde, Vera Zasulich, disparando sobre um sátrapa de Alexandre II: o social-democrata Hoendel e o Nobiling republicano disparando contra o imperador da Alemanha; O cooperador de Otero puxando o rei da Espanha e o mazinista religioso Passanante vai atacar o rei da Itália. Vemos os assassinatos agrários na Irlanda e as explosões em Londres, organizadas por nacionalistas irlandeses que têm o socialismo e a anarquia horrorizados. Vemos toda uma geração de jovens russos - socialistas, constitucionalistas e jacobinos - declarar guerra a Alexandre II e pagar esta revolta contra o regime absoluto por trinta e seis galhas e por lotes de exilados. Muitos ataques ocorrem entre mineiros belgas, britânicos e americanos. E é apenas no final desta longa série que vemos anarquistas aparecendo com seus atos de revolta na Espanha e na França.

Durante esse mesmo período, massacres massivos e detalhados organizados pelos governos seguiram seu padrão regular. Para o aplauso da burguesia europeia, a Assembleia de Versalhes massacrou trinta e cinco mil trabalhadores parisienses - principalmente prisioneiros da Comuna vencida.

Os "ladrões de Pinkerton" - o exército particular dos ricos capitalistas americanos - atacantes de massacres de acordo com as regras da arte. Os sacerdotes incitaram um homem fraco a disparar em Louise Michel que - como um verdadeiro anarquista - vem buscá-lo dos juízes, pedindo por ele. Fora da Europa, os índios do Canadá são abatidos, Riel é estrangulado, os Matabeles são destruídos, Alexandria é bombardeada, para não mencionar os talhos a que damos o nome de guerra, em Madagascar e em outros

lugares. E por fim, centenas e, por vezes, milhares de anos de prisão são distribuídos todos os anos aos rebeldes de Deux Mondes, e suas esposas e seus filhos são condenados às misérias miseráveis e condenados a pagar dizendo crimes de seus pais. - Esses rebeldes são transportados para a Sibéria, para Tremiti, Liparia, Pantellaria, Biribi, Noumea e Guiana, e nesses lugares de exílio os prisioneiros são abatidos para o menor ato de insubordinação...

Que livro terrível que daria um resumo do sofrimento sofrido pela classe trabalhadora e seus amigos durante este último quarto de século! Que grande quantidade de detalhes horrendos que não são conhecidos pelo público em geral e que o assombraria como um pesadelo, se eu falasse sobre eles hoje à noite! Que ataques de fúria provocariam cada página de um martirologista dos modernos precursores da grande revolução social! - Bem, este livro que experimentamos, cada um de nós viajou, pelo menos, páginas inteiras de sangue e miséria.

E diante dessas misérias, essas execuções, a Guiana Francesa, a Sibéria, Noumea e Biribi, tem a coragem de vir e repreender o trabalhador revoltado por sua falta de respeito pela vida humana.

Mas toda a nossa vida atual extingue o respeito pela vida humana!

O juiz que ordena matar e seu tenente, o carrasco, que mordaça em pleno sol em Madri, ou guilhotina nas névoas em Paris, para os zombadores da sociedade degradada; o general que massacra em Bac-leh e o correspondente do jornal que se esforça para cobrir os assassinos com gloriolo; o chefe que envenena seus trabalhadores com chumbo branco, porque - ele respondeu: "custaria tal soma, além de substituir o branco de zinco"; o chamado geógrafo inglês que mata uma velha para que ela não acorde uma aldeia inimiga com seus soluços, e o geógrafo alemão, que faz a menina negra a quem ele tomou por concubina, espera por infidelidade; o conselho de guerra, que está satisfeito com um descanso de quinze dias para o guardião Biribi condenado pelo assassinato ... tudo, tudo, tudo na sociedade atual ensina o absoluto desprezo pela vida humana - dessa carne que custa tão pouco no mercado! E eles, que amordaçam, que assassinam, que matam a mercadoria humana depreciada, aqueles que fizeram uma religião desta máxima, que para a segurança pública devem acumular, atirar e matar, queixam-se de que não respeitamos vida humana suficiente

Não, cidadãos, desde que a sociedade exija a lei da retaliação, enquanto a religião e a lei, o quartel e o tribunal de justiça, a prisão e a prisão industrial, a imprensa e a escola continuarão a ensinar o desprezo supremo da vida do indivíduo, não peça aos rebeldes contra esta sociedade que o respeitem! Isso exigiria deles, com gentileza e magnanimidade, um grau infinitamente superior ao de toda a sociedade.

Se você quer, como nós, que toda a liberdade do indivíduo e, conseqüentemente, sua vida seja respeitada - você é necessariamente levado a repudiar o governo do homem pelo homem, seja qual for a forma que leva; Você é obrigado a aceitar os princípios da Anarquia, que você abandonou há muito tempo. Você deve, então, buscar, conosco, as formas de sociedade que melhor possam realizar este ideal e pôr fim a toda a violência que o revolta.

Pierre Kropotkin.

[1] Moral sem obrigação nem sanção, pelo M. Guyau.